

O momento oportuno: Kairós, uma editora de oposição¹

Flamarion Maués*

Resumo: Dentro do quadro maior do estudo de editoras de oposição no período da abertura política no Brasil (1974-1985), o objetivo deste trabalho é esboçar uma breve história da Kairós Livraria e Editora, cuja atuação ocorreu entre 1978 e 1983, na cidade de São Paulo. A fonte principal da pesquisa são os depoimentos de seus proprietários a mim concedidos. Considerando que os dados levantados apontam que essa editora se encaixa no que classifico como *editora de oposição engajada*, apresentarei algumas questões sobre as relações que se podem estabelecer entre a forma como se organizava a Kairós e os resultados obtidos pela editora, particularmente do ponto de vista editorial e político.

Palavras-chave: História editorial, Editoras de oposição, Livros e política.

Editoras de oposição no período da abertura (1974-1985)

O período 1968-1973 foi marcado no Brasil por intenso crescimento econômico, que ficou conhecido como “milagre brasileiro”, e pela intensificação da ditadura política instalada em 1964, com o aumento da repressão violenta a todas as formas de oposição ao governo militar, concomitantemente à radicalização de parcelas dos setores oposicionistas organizados, que optaram pela luta armada e pelo enfrentamento com o regime. No final desse período, a cúpula militar no poder viu-se na contingência de implementar um processo de distensão política, a “abertura”, que *grosso modo* começa em 1974 (início do governo Geisel) e vai até 1985 (eleição indireta de Tancredo Neves para a presidência da República, após mais de 20 anos de governos militares).

Por volta de 1974-75 inicia-se o período da “luta democrática”, quando

após a derrota política e militar da experiência da luta armada ... as esquerdas brasileiras se reorganizam em torno de uma proposta de luta pelas liberdades democráticas, ajudando a constituir e, em muitos casos a liderar, um amplo campo de oposição política à ditadura militar. (Araújo, 2004, p.243)

A partir de meados da década de 1970, houve um grande incremento da indústria editorial brasileira, entendida aqui como aquela que produz livros. Um dos segmentos que se destacam nesse crescimento é o dos livros de oposição ao regime militar, que se enquadram no que se pode chamar de literatura² política: obras de parlamentares de oposição, depoimentos de exilados e ex-presos políticos, livros-reportagem, memórias, romances políticos, romances-reportagem, livros de denúncias contra o governo,

clássicos do pensamento socialista. Esse segmento ganha impulso mais significativo a partir de 1977-78, com o retorno à cena pública do movimento estudantil e do movimento sindical, em particular com as greves no ABC paulista, e o crescimento da campanha pela anistia.

Partindo dessas constatações, considero a hipótese de que, diante do fechamento dos canais institucionais de participação política e social como partidos, sindicatos, movimentos políticos, sociais e culturais etc., a atividade editorial, mediante a edição de livros cujo conteúdo se caracterizava pela oposição ao governo da época, passou a ser uma alternativa para aqueles grupos e pessoas que tentavam atuar e influir politicamente de forma pública, mesmo sob um regime ditatorial³.

Ocorreu, então, a partir de meados da década de 1970, uma revitalização de editoras com perfil marcadamente político e de oposição ao governo militar iniciado em 1964. Editoras já estabelecidas, como a Civilização Brasileira, a Brasiliense, a Vozes e a Paz e Terra, voltaram a atuar de forma bem mais ousada politicamente, editando livros que tratavam de temas que punham em questão a ideologia, os objetivos e/ou os procedimentos do regime de 1964 ou, ainda, cujos autores faziam oposição ao governo. Entre estes se destacavam parlamentares de oposição, ex-exilados e ex-presos políticos. Ao mesmo tempo, novas editoras surgiram com um projeto muito parecido, e muitas vezes criadas com objetivos políticos. Alguns exemplos são as editoras Alfa-Ômega, Global, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós, Codecri, Vega e Livramento, entre outras.

O que caracterizava o conjunto das editoras de oposição era seu perfil e sua linha editorial claramente oposicionista, sem que isso implicasse que estas empresas tivessem necessariamente vinculações políticas explícitas. O fundamental é que elas representaram iniciativas de oposição. No entanto, muitas dessas editoras, mas não a sua totalidade, mantiveram vínculos estreitos com organizações políticas. E, em certos casos, algumas editoras de oposição surgidas nos anos 1970 e 1980 foram até mesmo criadas por partidos ou grupos políticos, vários deles na clandestinidade ou na semiclandestinidade. Dessa forma, as empresas que tinham vinculações com organizações políticas se caracterizavam como editoras de oposição *engajadas*, formando um subgrupo dentro do conjunto mais amplo das editoras de oposição.

Para que uma empresa que edita livros alcance seus objetivos, ou seja, produzir e vender seus produtos garantindo uma margem de lucro suficiente para sua continuidade e expansão, é necessário que ela seja estruturada com um mínimo de visão empresarial e comercial, além de editorial. Ao conteúdo do que se vai publicar deve corresponder uma

organização que permita produzir editorial e industrialmente os livros, armazená-los, distribuí-los e comercializá-los, além de uma administração que dê conta de fazer que todas essas partes funcionem da forma mais harmoniosa, rentável e produtiva possível.

Assim, para que os objetivos políticos que estão na raiz da revitalização ou da criação da maior parte das editoras de oposição possam ser atingidos, é necessária uma estrutura empresarial. A questão que se apresenta é que, muitas vezes, a natureza desses objetivos políticos configurava-se como contraditória à idéia básica de uma empresa: o lucro. Em geral, o objetivo primeiro de um empreendimento comercial ou industrial é tão-somente o lucro. Ele é o motor dessas iniciativas e estabelece a lógica pela qual o empreendimento buscará o seu êxito.

No entanto, no caso das editoras de oposição, parece que essa lógica não funcionava plenamente. A sua organização como empresa e o lucro que elas buscavam obter não eram fins em si mesmos, o seu *leitmotiv*, mas apenas o meio pelo qual poderiam concretizar os fins que levaram à sua criação. Dessa forma, seu objetivo central não era o lucro, mas a atuação política por meio da divulgação de idéias e opiniões cujos veículos eram os livros. Mas era o lucro, na medida em que possibilitava produzir, distribuir e vender os livros, em outras palavras, fazê-los existir e circular, o fator que permitiria o bom resultado e a continuidade ou não do projeto político.

Ao mesmo tempo, o florescimento editorial de cunho político verificado a partir de meados dos anos 1970 também mostra que crescia o mercado para o produto produzido por essas editoras: os livros de oposição. Assim, “As preocupações com o [aspecto] empresarial, com a profissionalização e com a veiculação de conteúdos políticos vão estar um tanto imbricadas nesses anos 70”, e o mercado editorial vê “a oportunidade de abrir campo para as ‘obras de esquerda’”, percebendo que a “literatura ‘política’ passa a ser um excelente negócio no raiar da ‘abertura’” (Holanda & Gonçalves in Freitas Filho, 1980, p. 39 e 53).

Verifica-se que “Florescia um mercado de oposição à ditadura nas classes médias, que a indústria cultural soube aproveitar a partir do fim dos anos 70, com a abertura do regime civil-militar” (Ridenti, 2000, p.350). Em síntese, havia um mercado ávido por estes livros de cunho político, até então não disponíveis.

As editoras, sejam grandes ou pequenas, novas ou antigas, que tinham as características que mencionei, conformam o que chamo de editoras de oposição: editoras com perfil claramente político e ideológico que publicavam livros de oposição ao regime militar ou à sua ideologia.

Este artigo pretende esboçar a história e as relações políticas de uma dessas editoras de oposição, a Kairós Livraria e Editora, que se caracterizava por ser uma editora de oposição engajada.

Kairós Livraria e Editora

Kairós, na mitologia grega, é um momento preciso do tempo, que significa também o momento oportuno. E era também o nome de um dos cavalos da biga de um herói mitológico, que tinha dois cavalos, Kairós e Cronos. Cronos era o cavalo que mantinha o passo, e Kairós era o cavalo que, no momento do ataque, puxava a biga. Então, era um momento de intervenção. Dentro das alegorias e das imagens que se usavam na época da ditadura, achamos perfeitamente adequado esse nome. Era o nosso momento de intervenção. (José Castilho Marques Neto)

A Kairós Livraria e Editora foi criada formalmente em março de 1978 por três sócios: José Castilho Marques Neto, Magali Gomes Nogueira e Moisés Limonad. Os três eram militantes da corrente estudantil trotskista Liberdade e Luta (Libelu), vinculada à Organização Socialista Internacionalista (OSI).

No período de atuação da editora estudado neste artigo (1978-83), foram publicados 16 livros, 6 números do periódico *Arte em Revista*, a *Agenda 1982* e um calendário de mesa. Houve também duas reimpressões, o que totaliza 26 edições. A Kairós encerrou suas atividades editoriais em 1985, quando já pertencia a outro proprietário⁴.

Publicou clássicos do pensamento socialista, como obras de Marx, Engels, Lenin, Trotski e Rosa Luxemburgo, e livros nas áreas de ciências humanas e artes, contando com muitos colaboradores e autores da universidade, em particular da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As coleções publicadas foram: Materialismo Histórico, Prismas, Traços, A Ciência da Abelha e o periódico *Arte em Revista*.

José Castilho Marques Neto e Moisés Limonad trabalham ainda hoje no ramo editorial, o primeiro como diretor da Editora Unesp e o segundo como livreiro e editor da Editora Max Limonad. Magali Gomes Nogueira é restauradora de quadros.

Uma opção política e profissional

A partir do final de 1977 – ano marcado pela retomada das mobilizações estudantis, principalmente em São Paulo –, três jovens estudantes, com idade entre 20 e

25 anos, começam a discutir a idéia de criar uma livraria, ou uma editora, ou ambas. José Castilho Marques Neto, de 24 anos, era estudante de filosofia na USP, e era também um ativo militante político trotskista, membro do comitê central da OSI (Organização Socialista Internacionalista) e dirigente da Liberdade e Luta (Libelu), a corrente estudantil da Organização⁵. Via com preocupação seu futuro profissional, uma vez que justamente em 1977, quando estava se formando em filosofia, esta disciplina foi abolida do currículo escolar, o que diminuía muito seus horizontes profissionais, pois ficava bem mais difícil se tornar professor, como pensava.

Magali Gomes Nogueira, de 25 anos, tinha já uma filha e concluiu o curso de ciências sociais na USP em 1978. Encerrara uma pequena firma de marcas e patentes, em sociedade com Renato Guerreiro, e enfrentava também a questão de que rumos profissionais seguir. Também era militante da Libelu. Moisés Limonad, o mais novo dos três, tinha 20 anos, era militante da Libelu/OSI, com atuação em Osasco. Havia interrompido os estudos ainda no segundo grau, mas freqüentava assiduamente o ambiente uspiano, de tal modo que para muitos ele era estudante da USP. Era o único com vínculos com o setor editorial, uma vez que seu pai, falecido pouco antes, fora proprietário da editora Max Limonad, criada em 1944 e especializada na área jurídica.

Para reconstruir uma história da editora, desde sua gênese até sua dissolução, ouvi também Francisco Foot Hardman, atualmente professor de sociologia na Unicamp, que foi um dos principais colaboradores da Kairós.

A idéia da livraria/editora surge como uma possibilidade de atividade que parece combinar a união da necessidade profissional com a militância política, em um momento de definição de rumos para os três futuros sócios. Assim, podia ser o trabalho e a fonte de renda de que precisavam, vista como empreendimento comercial viável e até mesmo promissor, e ao mesmo tempo ser um espaço de continuidade da militância, por meio das características políticas que a livraria/editora teria.

E era, também, um negócio entre amigos. Como lembra Moisés Limonad, “assim como, hoje, dois ou três amigos fazem sociedade para abrir um bar, nós na época abrimos uma livraria”⁶.

José Castilho Marques Neto lembra inicialmente que “a Kairós não foi uma coisa articulada, pensada ou maturada, como acho que a absoluta maioria das editoras ou livrarias daquele período também não foram”⁷. E faz uma observação pertinente para que se possa entender a natureza da empresa que seria criada:

Todos nós éramos estudantes na época, praticamente sem experiência comercial nenhuma, e, pior ainda, estudantes de esquerda, de filosofia e de ciências sociais, e de esquerda dentro de uma tendência mais à esquerda ainda do movimento estudantil, brigando contra uma ditadura etc. Então, a experiência comercial para um projeto dessa envergadura era uma coisa muito distante para nós, muito, muito distante. Foi uma espécie de missão de sobrevivência. Havia também uma necessidade básica profissional de termos uma fonte de renda. Mas também nós nos imbuímos daquela coisa ... Bem, vamos ser responsáveis por lançar uma literatura marxista ou uma agitação na área da cultura que o país está precisando. Tínhamos certeza de que naquele momento histórico do país, com a ditadura mais ou menos agonizante, como se dizia naquela época, nós teríamos um papel importante a cumprir.

Magali Gomes Nogueira lembra que a idéia da Kairós, para ela, surgiu por volta de 1977, quando vendeu uma firma de marcas e patentes e de assistência tecnológica que possuía. Ela havia trabalhado no Inpi (Instituto Nacional de Propriedade Industrial) e tinha alguma experiência em administração. Em conversas com Moisés Limonad, que recebera havia pouco tempo parte da herança paterna, começaram a pensar em abrir um negócio juntos, talvez uma livraria.

Ela explica qual era o projeto da Kairós:

A idéia desde o começo tinha um caráter comercial, nós três iríamos viver daquilo. Eu tinha uma filha para criar, estava vendendo uma firma e estava investindo naquele negócio. Então não era nada só ideológico, era algo que teria que ser a fonte de renda da gente. Tinha que ser comercial, tinha que dar dinheiro. E a idéia é que este dinheiro viria de uma proposta legal de trabalho, uma proposta diferenciada.⁸

Moisés Limonad já conhecia Castilho da militância política e lembra que havia, entre eles três, bastante afinidade pessoal e de relacionamento. Ele diz que inicialmente, de sua parte e de Magali, a idéia era abrir uma livraria como uma atividade profissional em si, enquanto da parte do Castilho existia a idéia de abrir uma livraria, ou uma editora, ligada mais estritamente à linha política em que eles militavam na época.

Eram três jovens, dois dos quais recém-formados (Magali e Castilho) e um ainda secundarista, que militavam na mesma organização política e buscavam uma opção profissional. Se essa opção pudesse estar ligada à militância, melhor ainda. Em conversas entre os três, perceberam que tinham alguma reserva de dinheiro e passaram a pensar seriamente em iniciar um empreendimento em conjunto. É o começo da Kairós Livraria e Editora.

Por um pequeno trecho do depoimento de Castilho, podemos perceber que a decisão de começar o negócio teve muito de improvisação e de entusiasmo, e pouco planejamento:

Eu nunca tinha feito um livro ou mesmo pensado seriamente em fazer uma editora ou uma livraria. Surgiu essa possibilidade por intermédio do Moisés e da Magali, que conversaram comigo.

A vinculação com a OSI

O envolvimento político dos três sócios faz que a idéia da livraria/editora ganhe logo cores militantes. Dessa forma, a OSI se envolve na própria gestação da empresa, e isso aparece retratado de modo um pouco distinto pelos três sócios fundadores. Nisso certamente pesa o fato de Castilho ter um engajamento mais orgânico com a militância, uma vez que era membro do Comitê Central da OSI e dirigente da Libelu, enquanto Magali e Moisés eram militantes de base.

É Castilho quem leva a discussão sobre a livraria/editora que estava sendo criada para a OSI, que se interessa pelo projeto, o qual, segundo Castilho, se adequava a certa visão política:

Naquele período, principalmente de 1977 para 1978, a discussão que se colocava no campo da esquerda era que tínhamos que atuar de maneira mais aberta, culturalmente e do ponto de vista político, na formação de pessoas, porque a ditadura já dava sinais de fraqueza evidente, e nós estávamos apostando que havia a possibilidade de editar coisas na área do marxismo que fazia muitos anos haviam sido banidas do país.

Castilho lembra que discutiu “com o que poderíamos hoje chamar, numa linguagem mais tradicional, de intelectuais da Organização, a respeito de como poderíamos começar com livros de marxismo, o que seria mais interessante editar”. E diz que alguns dirigentes chegaram a colaborar com a editora de forma mais orgânica, como Victor Leonardi, que foi integrado ao conselho editorial e que era um importante dirigente da OSI na época, e Francisco Foot Hardman, também do Comitê Central (CC) da OSI, de quem Castilho já era amigo. “Basicamente, da Organização Socialista Internacionalista, essas duas pessoas tiveram influência na escolha dos títulos, foi com quem eu debati mais”, completa Castilho.

Francisco Foot Hardman tornou-se um dos principais colaboradores da Kairós em seus dois primeiros anos de existência. Ele conta como se deu a discussão sobre a Kairós na OSI:

A discussão sobre o projeto editorial teve seu lugar também dentro da Organização. ... E a direção assume uma discussão mais centralizada. ... Em maio de 1978, a Organização lança o número zero do jornal *O Trabalho*, que era o jornal da OSI. Veja que coincidia. A idéia da editora era também dar uma certa visibilidade aos trabalhos da Organização. ... Não é que a editora seria simplesmente um braço editorial da Organização, longe disso. Tratava-se de uma editora particular, de uma empresa, de um empreendimento, que teria vida própria, e que tinha pelo menos um militante graduado [Castilho] entre seus quadros.⁹

Castilho faz questão de ressaltar que “nunca e em nenhum momento houve ou dinheiro ou mesmo dirigismo da OSI ou da Libelu em cima do projeto editorial da Kairós, ou muito menos qualquer aporte financeiro ou qualquer coisa assim. Não houve mesmo”. E completa: “Hoje, a essa altura, não haveria nenhuma necessidade de eu esconder isso, se tivesse ocorrido”.

Magali é mais direta para descrever a participação da OSI: “A Organização ficou sabendo que estávamos pensando em fazer a livraria e nos propôs fazer a editora também. É aí que entra o Castilho”. Na verdade, o contato inicial com Castilho fora feito por Moisés, que já o conhecia. De acordo com Magali, ela e Moisés teriam capital somente para fazer uma livraria. A possibilidade de montar também uma editora surge com a entrada de Castilho (que tinha capital para investir) e da Organização no projeto. “A Organização queria publicar livros trotskistas, e nós seríamos uma editora trotskista. A união de nós três se deu pela militância. Acho que se a Organização não tivesse entrado, se tivéssemos ficado eu e o Moisés, teria ficado só uma livraria, seria uma outra história”, diz Magali.

Magali também ressalta que “não teve dinheiro da Organização [para montar a Kairós]. A Organização vai usar a gente para fazer os seus livros. Mas éramos nós que administrávamos, não tinha nenhuma intervenção da Organização”. E em seguida completa: “Onde tinha intervenção era no conselho editorial, a presença do Victor Leonardi, do Francisco Foot, era intervenção da Organização mesmo”, afirma ela.

Moisés confirma esta informação e diz que “A empresa foi constituída formalmente, e até onde eu tenho conhecimento foi bancada pelas pessoas envolvidas, sem que houvesse algum aporte de dinheiro da OSI ou da Libelu, ou de quem quer que fosse, para abrir o projeto”. E reforça esta idéia:

Era uma coisa que tinha uma existência formal real, ou seja, havia mesmo três indivíduos, com capital integralizado numa sociedade, como uma empresa. Nós trabalhávamos efetivamente nessa empresa. Não tinha nada de fachada, era um trabalho real mesmo, não tínhamos nem mesmo uma atividade paralela. Era a nossa fonte de remuneração. A idéia era que desse certo, que a nossa remuneração viesse mesmo desse trabalho.

Portanto, da idéia inicial de Magali Gomes Nogueira e Moisés Limonad de criar uma livraria evoluiu-se para a proposta de uma livraria e editora, com a adesão de José Castilho Marques Neto ao grupo e, conseqüentemente, com a entrada da OSI nas discussões sobre a futura empresa. Daí se passa à discussão de um projeto mais politizado, em que principalmente a editora jogaria um papel de divulgadora de obras vinculadas ao pensamento de esquerda, com ênfase para o pensamento trotskista. Essa marca de origem de certa forma se prolongará durante a existência da empresa, uma vez que a editora terá sempre caráter mais político e a livraria, mais cultural.

Podemos considerar, então, que há duas vertentes que originam a Kairós. A primeira é a iniciativa individual dos três sócios, com vistas a terem um trabalho e uma fonte de renda, e a segunda é a vertente política, canalizada pela OSI, que influencia a definição da ampliação da iniciativa para a criação de uma editora, além da livraria, e de sua linha editorial.

Assim, a iniciativa de três estudantes com preocupações profissionais e políticas de criar uma livraria/editora logo se transforma em assunto de interesse da OSI. Cabe lembrar, em relação a isso, que essa ligação era uma decorrência até certo ponto natural do fato de os três sócios serem militantes da mesma corrente política, corrente esta que, como várias outras, exigia e cobrava fidelidade e disciplina de seus membros, de modo que a vida profissional dos militantes dizia respeito à Organização, não sendo raros os casos em que militantes eram designados pelo seu grupo político para atuar profissionalmente em certas categorias¹⁰. Logo, era visto com certa normalidade que a OSI se interessasse pela iniciativa empresarial de seus militantes.

A conseqüência concreta dessa relação Kairós/OSI é a montagem do conselho editorial da editora, ou seja, um conselho permanente, para assessorar na definição da linha editorial e dos títulos a serem publicados. Este conselho é composto pelos três proprietários, pelo historiador Victor Leonardi e pelo sociólogo Francisco Foot Hardman.

A forma de as pessoas envolvidas lembrarem como foi definido o Conselho é muito significativa para entendermos a relação entre os sócios e a Organização.

Quando o Castilho monta o tal do conselho editorial, eu achei muito boa a forma escolhida ... O Victor e o Foot são agregados à editora, seriam quase que o nosso cordão umbilical com a política. Isso acontece meio naturalmente, por causa da nossa militância. Na verdade, não havia nenhum questionamento: “Ah, por que essas pessoas estão aqui?” Não, era extremamente óbvio, ou seja, nós estamos abrindo uma livraria e uma editora que vão estar ligadas a uma determinada linha política, na qual nós militamos. Não é só uma questão de simpatia, mas de vínculo efetivo. (Moisés)

Castilho destaca a participação de Victor Leonardi, pois ele era um dos principais dirigentes da OSI e sua presença no Conselho representava uma influência direta da Organização na editora. Perguntado se Victor Leonardi era uma espécie de “comissário” da OSI na Kairós, Castilho responde: “Formalmente, sim. Embora essa imagem de comissário dê a idéia de que ele vem dar a linha. Mas não dava”. E completa:

Em primeiro lugar, não podemos esquecer que nós éramos trotskistas, certo?, e acreditávamos nisso, na idéia de ter um debate muito aberto e democrático, e de fato tínhamos. Então, não é que o Victor chegava e dava a linha. Não, ele contribuía ideologicamente para a discussão, até doutrinariamente, na escolha dos textos, mas ele não mandava, não. Não chegava uma determinação, tem de publicar tal livro. Não, de jeito nenhum. ... A participação da Organização era absolutamente natural, principalmente no meu caso, porque eu tinha uma vida única... Então a Organização era parte da minha vida como a Kairós.

Francisco Foot Hardman assume de forma mais explícita que ele e Leonardi eram uma espécie de comissários da Organização na editora, principalmente este último, apesar de, em função das muitas viagens que Leonardi tinha de fazer, quem acabava tendo contato mais direto com a Kairós era ele. No entanto, Foot Hardman faz questão de ressaltar: “Depois do surgimento, do primeiro momento, a Kairós tinha de fato uma independência. A escolha de títulos era feita por nós, não vinha ninguém dizer se podia ou não. Dizer que a editora foi ‘oficiosa’ da Organização é forçar a barra”.

Mas é Magali quem expõe de forma mais clara uma certa tensão que havia em função da participação da OSI na editora. Para ela, a participação de Foot Hardman e Leonardi na editora era incômoda.

Eu acho que acabei ficando sempre no contraponto dos dois [Victor e Foot]. Porque os textos que vinham não eram coisas que nós escolhíamos, eram textos que a Organização mandava para a gente, ainda que nós participássemos da discussão. ... Com o Foot a relação era tranqüila, ele não tinha essa postura de 'entidade parda' que o Victor tinha. Ele [Victor] era um cara mais velho que

chegava com a postura de 'vamos botar ordem', se achava realmente o chefe. [A presença dele] era incômoda por causa da linguagem, tínhamos uma postura de não ser sectários, e a linguagem dele era sectária. Se, por exemplo, havia uma exposição de desenhos sobre homossexualismo na livraria, ele já achava estranho. E nós pensávamos, não, aqui não tem que interferir. Então a postura deles era mais fechada, eles não se abriram para o que estava acontecendo em volta.

Surge desses depoimentos uma divergência clara sobre como era encarada a participação da OSI na Kairós, o que se acentuará com o posterior desligamento dessas pessoas da Organização. De fato, todos os cinco membros do conselho editorial se afastarão em momentos diferentes da OSI, mas todos antes do fim da Kairós. Magali é a primeira, seguida de Moisés. Isso, é certo, afetará a sociedade, como veremos mais adiante.

Início das atividades

A livraria é inaugurada em 7 de abril de 1978. O comunicado enviado à imprensa para anunciar a inauguração da Kairós traz uma síntese de seu projeto:

KAIRÓS leva em conta que hoje um empreendimento desta espécie não pode desconsiderar os vínculos que esta proposta de trabalho possui com o processo que se desenvolve de retomada de uma efervescência sócio-político-cultural.¹¹

O mesmo comunicado já anunciava também o projeto de iniciar em breve a edição de livros: “É dentro dessa linha de pensamento já traçada quanto à livraria que pretendemos iniciar a médio prazo o trabalho de editoração, reivindicando uma participação efetiva nos debates suscitados pelo momento atual ...”¹². Os primeiros livros serão editados no final de 1978.

Fica clara, pela leitura desse trecho do comunicado, a intenção de participação e intervenção dos fundadores na cena político-cultural do momento, explicitando o caráter político do empreendimento.

A livraria e a editora

É importante destacar que desde o começo há como que dois projetos que andam juntos: a editora e a livraria. O primeiro estará sob responsabilidade mais direta de Castilho e da Organização, por meio da participação de Leonardi e Foot Hardman, e o

segundo de Magali e Moisés. Deve-se deixar claro que os três sócios atuavam nos dois setores, não havendo uma segmentação exclusivista, mas o próprio perfil de cada um deles os direcionava para o setor com o qual tinham mais afinidade.

Isso se refletirá posteriormente, na dissolução da sociedade, quando a empresa será dividida em duas partes, ficando Magali com a livraria e Castilho com a editora, e com a saída de Moisés do negócio.

A livraria: espaço cultural

A concepção da livraria é basicamente de Magali e Moisés, e o projeto tinha como alvo o público “alternativo”, ou seja, principalmente o público universitário, jovem, simpático à esquerda e que buscava novos canais de expressão cultural e política. “Era uma proposta de espaço cultural mais do que de livraria”, diz Magali. Além disso, segundo ela, havia dúvidas sobre a viabilidade econômica de uma editora: “Tínhamos medo de que uma editora nem vingasse, porque era início da abertura [política]. A gente não sabia direito como a coisa ia ficar, então a livraria seria a base de sustentação da editora”.

Por causa dessa preocupação cultural, Moisés diz que a livraria não era estritamente política e que não seria correto caracterizá-la como um aparelho da OSI.

Castilho destaca que a livraria era especializada em livros de ciências humanas e livros mais à esquerda. E diz que o público era eclético:

Tivemos que constituir na verdade um público. Pela própria repercussão que a livraria começou a ter, pelos eventos, pelo boca-a-boca, tínhamos uma afluência de muitas tendências de esquerda na livraria. Era mais ecumênico, até porque não tínhamos só livros de trotskismo, obviamente, havia de marxismo de modo geral.

Houve preocupação, por parte dos sócios, de que a livraria não ficasse marcada apenas como um local trotskista, ou da Libelu. “Fizemos questão que a livraria não tivesse o carimbo de trotskista, apesar dos confrontos com a própria Organização”, diz Magali. “Fizemos questão disso, era a proposta minha e do Moisés, que o Castilho vai aceitar de muito bom grado, ele não era uma figura sectária”, continua.

“A vinculação pública com a Libelu era uma coisa que pairava um pouco no ar. Mas isso não impediu que as outras coisas chegassem”, lembra Castilho. “E também começamos a atrair uma população de ativistas culturais, de poetas, escritores”, como Roberto Piva, Cláudio Willer, José Celso Martinez Correa, afirma ele. “Eram pessoas

que estavam mais ou menos à margem do *establishment* cultural da época e que também tinham uma militância na área da cultura e que simpatizaram conosco”.

Dessa forma, foi se cristalizando o perfil mais cultural da livraria, que será um contraponto à feição mais politizada da editora e acabará sendo um dos elementos para o aumento da tensão que, posteriormente, levará à divisão da Kairós. Magali descreve assim o perfil que acabou marcando a livraria:

Ficou um espaço cultural. A livraria teve um começo muito curto de caráter mais político, mas ela recebe esse apoio de todas as tendências, de todos os setores, de todos os malucos do pedaço. Nós abríamos espaço para o movimento gay, o movimento negro, o pessoal de poesia, de cinema, o pessoal do jornal *Cine Olho*, o pessoal de quadrinhos etc. Então o caráter político mais tradicional vai ficar restrito à editora. Felizmente, a livraria não ficou sectária, se abriu. A gente encontrava de tudo lá dentro.

A escolha do local em que se instalou a livraria, a esquina das avenidas Paulista e Angélica, levou em conta que aquele era um ponto central, de muito movimento na época, próximo ao cinema Belas Artes e a vários bares muito freqüentados.

A livraria se caracterizou, durante sua existência, pela realização de muitos eventos culturais. Já na inauguração ocorre uma exposição de fotos de Carlos Moreira. Isso era parte do projeto da Kairós, pois era um meio de atrair público, realizar atividades político-culturais e possibilitar o início ou o estreitamento de laços com setores da intelectualidade.

A editora: o trabalho editorial

Ao mesmo tempo, o projeto da editora começa a ser implementado e os primeiros títulos são lançados no final de 1978. Aqui, a figura central é Castilho, que assume a responsabilidade pela editora e por sua condução. No entanto, ele não tinha nenhuma experiência na área. “Nós tínhamos uma absoluta ignorância de como fazer uma editora, de como sobreviver comercialmente, em última instância”, diz ele.

Para suprir esta falta de experiência, Castilho foi à procura de outros editores que pudessem ajudá-lo. Ele recorda:

Eu fui conversar com algumas pessoas, o Caio Graco [Prado], da Brasiliense, o Fernando Gasparian, da Paz e Terra, o [José Xavier] Cortez, na época da editora Cortez e Moraes. Eram pessoas com quem eu sabia existir uma certa abertura, e fui procurar entender um pouco o que era o ramo editorial, como isso funcionava.

Foi com base nessas conversas, lembra Castilho, que os sócios definiram, considerando o capital disponível e as informações obtidas, que o melhor seria abrir a livraria e a editora juntas. “Não foi nenhuma decisão empresarial, técnico-empresarial ou mesmo estratégica do ponto de vista de como lançar uma editora, ou como lançar uma livraria, foi uma questão rigorosamente do que nós achamos na época, a partir dessas conversas”, diz Castilho.

A editora foi instalada em parte do mezanino da livraria, com uma escrivaninha e um arquivo. Nesse mesmo local foi instalado uma espécie de almoxarifado e o estoque de livros. Outra parte desse mezanino era usada para fazer exposições, debates, lançamentos etc.

Na editora, todo o trabalho era terceirizado e remunerado: revisores, capistas, tradutores, diagramadores. Não havia nenhum funcionário fixo na editora nessa primeira fase. O trabalho de Francisco Foot Hardman e de Victor Leonardi no conselho da editora não era remunerado. A produção editorial era profissionalizada, e eram feitos contratos com os autores. A coordenação era centralizada por José Castilho. Todo o trabalho posterior à edição do livro, ou seja, divulgação, distribuição, comercialização e armazenagem, ficava, igualmente, sob a responsabilidade dele.

Isso para mim foi ótimo porque eu aprendi tudo sobre livro, desde conversar com o autor sobre a idéia do livro até vendê-lo. Então, todo o trabalho de organização era feito com o apoio de revisores externos, de empresas de linotipia – na época a editoração eletrônica era caríssima – e contratação de gráficas. Basicamente, o trabalho de pensar a editora, o formato editorial, o projeto, as coleções, as capas, o marketing, a operação com a imprensa, divulgação, venda, distribuição, tudo isso era eu mesmo que fazia, não houve compartilhamento com nenhuma outra pessoa. (Castilho)

Mas ele ressalta que discutia várias questões com os outros sócios, como por exemplo a definição das coleções, a escolha das capas etc.

Castilho cita três colaborações que foram muito importantes em seu aprendizado como editor. A primeira foi do artista plástico e editor Massao Ohno, que criou as capas da coleção “Materialismo Histórico”, que marcou muito a editora (eram as capas “amarelinhas”).

A segunda colaboração veio da empresa onde foram feitas a diagramação de muitos livros da Kairós, a Artestilo Compositora Gráfica Ltda., no bairro do Brás, em São Paulo. “Quem fez o projeto da diagramação dos livros foram alguns linotipistas

anônimos, que trabalhavam na Artestilo. Foi quando eu aprendi a fazer livro”, diz Castilho.

E por último, a D’Agostino Artes Gráficas, uma gráfica no bairro do Limão, em São Paulo, onde foram impressos todos os livros da Kairós. “Eu praticamente passei o ano de 1978 nesses três lugares, fazendo uma espécie de estágio”, diz Castilho.

Castilho resume a situação da seguinte forma:

A editora era feita muito empiricamente, na verdade longe de qualquer planejamento econômico. Praticamente gerenciávamos mês a mês. Nós pensávamos os títulos, tínhamos aqueles objetivos... Primeiro havia a discussão do título, depois a gente verificava se tinha dinheiro; não havia um grande planejamento. Na verdade, acho que a gente brigava mais pelo título do que pelo dinheiro.

Os livros publicados

Eis a relação dos livros editados pela Kairós no período aqui estudado (1978-1983). A lista está em ordem cronológica e assinala os diferentes momentos pelos quais passou a editora.

1978 – 1 – TROTSKI. *Escritos sobre sindicato*. (Série Materialismo Histórico); 2 – MARX, ENGELS, LENIN e TROTSKI. *A questão do partido*. (Série Materialismo Histórico)

1979 – 1 – *Arte em Revista – Anos 60*, n.1; 2 – LENIN. *A falência da II Internacional* (Série Materialismo Histórico); 3 – OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político* (Coleção Traços); 4 – BROUÉ, Pierre. *A Primavera dos Povos começa em Praga* (Série Materialismo Histórico); 5 – FAVARETTO, Celso. *Tropicália: Alegoria, alegria* (Col. Traços); 6 – *Arte em Revista – Anos 60*, n.2; 7 – LENIN e TROTSKI. *A questão do programa* (Série Materialismo Histórico); 8 – LUXEMBURGO, Rosa. *Greve de massas, partido e sindicato* (Série Materialismo Histórico); 9 – PEDROSA, Mario. *Arte, forma e personalidade. 3 estudos* (Coleção Traços); 10 – ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado (Crítica ao populismo católico)* (Série Prismas); 11 – *Calendário Estações 1980*, de Antonio Sagesse.

1980 – 1 – LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça* (1.ed., março) (Série Materialismo Histórico); 2 – *Arte em Revista – Questão: o popular*, n.3; 3 – PIVA, Roberto. *Piazzas* (Coleção A Ciência da Abelha); 4 – *Arte em Revista – Arquitetura Nova*, n.4; 5 -

HARDMAN, Francisco Foot. *Os víveres de maio*; 6 – LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça* (2.ed., novembro).

1981 – No final de 1980 ocorre o rompimento da sociedade entre Castilho, Magali e Moisés, como veremos adiante. A partir desta data, os livros são editados apenas por Castilho e pela nova empresa por ele criada, Editora Kairós – José Castilho Marques Neto.

1 – BLOCH, Gérard. *Marxismo e anarquismo*. TROTSKY. *Kronstadt* (Série Materialismo Histórico); 2 – *Arte em Revista* – Arte marginal, n.5; 3 – *Arte em Revista*, n.1 (reimpressão); 4 – MATOS, F. e LAHUD, M. *Matei minha mulher: O Caso Althusser*; 5 – *Arte em Revista* – Teatro, n.6; 6 – Agenda 1982 – Edith Derdyk e Marisa Fava.

1982 – 1 – ARANTES, Antonio Augusto. *O trabalho e a fala* (Coleção Traços).

1983 – Em meados deste ano, a empresa foi comprada por Manoel J. Vieira Caetano, que assume a direção editorial da empresa. Castilho passa a fazer apenas alguns trabalhos de produção gráfica para a editora.

Linha editorial¹³

Os dois primeiros títulos da Kairós foram lançados ao mesmo tempo, no final de 1978. Eram *A questão do partido*, com textos de Marx, Engels, Lenin e Trotski, e *Escritos sobre sindicato*, de Trotski. A tiragem foi de 5.000 exemplares cada um¹⁴. A escolha destes livros para inaugurar a editora tinha o objetivo de explicitar publicamente a linha política e editorial da Kairós. Eram uma declaração de princípios, pode-se dizer. Castilho explica isso:

Discutimos muito sobre por que começar com estes dois livros. Bem, aí é o decalque da época. Em 1977 o ABC estava explodindo, Lula, os sindicatos botando a cara para fora contra a ditadura etc. E aquela absoluta ausência, do nosso ponto de vista, como trotskistas, de uma literatura interessante para a esquerda sobre sindicato. Como uma editora poderia contribuir para isso? Apresentando textos referenciais, quer dizer, não seriam textos de militância imediata, mas textos de referência. Então isso passou pela nossa cabeça, dos três, e passou também por uma discussão com o Victor Leonardi e com o Foot Hardman, na seleção dos textos, aquilo que a gente achava mais interessante ... ou seja, está dentro do limite do que, enquanto militantes e trotskistas, nós

achávamos que era importante para aquele momento. Havia uma intenção mesmo de colocar à disposição textos clássicos, ou que nós achávamos clássicos, a partir de uma visão do trotskismo.

E é claro que a definição destes títulos iniciais e de alguns outros, especialmente os da coleção Materialismo Histórico, atendia também a preocupações da OSI/Libelu, de certa forma serviam aos interesses dessas organizações. “Podemos dizer que isso [a edição destes livros] servia à Libelu, não é? Mas ao mesmo tempo não eram textos instrumentais ...”, diz Castilho. Francisco Foot Hardman assinala que “os dois títulos iniciais foram muito discutidos, do ponto de vista teórico-político, na Organização. A questão do sindicato e a questão do partido eram questões fundamentais para a OSI naquele momento”.

Estes livros tinham prefácios muito interessantes, que representavam um diferencial da Kairós em relação a outras editoras tradicionais. Eles eram quase como editoriais, ou seja, aquele espaço na imprensa em que o proprietário se dá o direito de expressar a sua opinião sobre os fatos. Esse tipo de texto não é muito comum em livros, ao contrário de jornais e revistas. No caso dos dois primeiros livros da Kairós, esses prefácios podem ser encarados como um desejo de intervenção dos editores na política real, na conjuntura, dentro dos limites que um livro pode permitir. Marcam – e isso é muito significativo – a expressão de um posicionamento político que a Editora considera importante expressar publicamente.

Arte em Revista

Arte em Revista era uma publicação periódica (semestral), produzida pelo Ceac (Centro de Estudos de Arte Contemporânea) do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Suas seis primeiras edições foram publicadas pela Kairós, em um período que vai do começo de 1979 até o final de 1981, ou seja, quase três anos. Foi coordenada inicialmente por Otilia Fiori Arantes, Celso Fernando Favaretto e Matinas Suzuki Júnior. No nº 4, este último deixa de aparecer como um dos coordenadores e, a partir do nº 5, ao lado dos dois primeiros aparece o nome de Iná Camargo da Costa.

A revista chegava pronta, do ponto de vista do conteúdo e da produção gráfica, para a Kairós. Esta atuava, neste caso, quase como uma prestadora de serviços, transformando a revista em um produto editorial, impresso, e fazendo a sua distribuição e venda.

Castilho relembra: “A idéia é que a nossa área forte seria a política, porém queríamos também publicar na área de cultura, que era também mais ou menos a cara que estávamos dando para a livraria. Então, uma coisa foi puxando a outra”.

Êxito inicial e resultados econômicos

Os dois primeiros livros publicados pela Kairós “foram um grande sucesso”, segundo Castilho. “*Eles me sustentaram durante o tempo que fiquei com a editora, até 1983*”, continua. Ainda de acordo com ele, outro dos primeiros títulos lançados, *Tropicália, alegoria, alegria*, de Celso Favaretto, “teve uma vendagem razoável, teve uma boa repercussão. E a Arte em Revista também teve muito boa vendagem e repercussão”, diz. Mas o carro-chefe das vendas era mesmo a coleção Materialismo Histórico. Castilho afirma que “a editora vendia bem, não era um sucesso estrondoso de vendas, mas ela vendia regularmente, e garantia, digamos assim, um salário”. Desta mesma coleção, o livro O direito à preguiça, de Paul Lafargue, lançado em março de 1980, teve três edições.

Magali confirma que “a Kairós deu muito certo no começo, o êxito foi maior do que a gente esperava, nós não estávamos preparados”. Para ela, esse êxito inicial tem muito que ver com o momento por que passava o país:

Os dois primeiros livros tiveram resultados bons. O impacto e o apoio a uma livraria e a uma editora trotskista naquele momento ... a gente recebeu esse apoio ... Então estes dois primeiros livros tiveram uma receptividade muito boa no mercado, o que não vai acontecer com os outros. ... Mas há muitas variáveis, há a questão de que o mercado começa a ter outras livrarias e editoras ... Existia o comprador que comprava para dar uma força para a livraria, por questões políticas. E isso foi diminuindo, porque a partir de um certo momento você tinha que dar força para muita gente. Acho que esse apoio foi o grande sustentáculo da editora no seu primeiro ano, o apoio dos intelectuais, de quem estava contra a ditadura mesmo. Isso aconteceu.

Vendagens

Por meio dos depoimentos e de alguns documentos relativos a pagamentos de direitos autorais e contratos de edição, é possível reconstituir a carreira de vendas de alguns títulos. Os dois primeiros, *Escritos sobre sindicato* e *A questão do partido*, tiveram tiragem de 5 mil exemplares e praticamente esgotaram. Venderam bem logo que foram lançados. De acordo com o “Balanço de estoque em 25 de junho de 1983”, parte integrante do “Contrato particular de venda e cessão de direitos e obrigações e

outras avenças” assinado entre Castilho e o comprador da editora, Manoel Januário Vieira Caetano, restavam em estoque naquela data 292 exemplares do primeiro título e 52 do segundo. Deve-se considerar que isso não significa que todos os demais exemplares tenham sido comercializados, pois parte deles poderia estar consignada, e mesmo que houvessem sido vendidos para distribuidores e livreiros, poderiam ser devolvidos, como é de praxe no mercado editorial.

Esse mesmo documento mostra que havia outros oito títulos praticamente esgotados. Em compensação, informa que outros sete títulos estavam em situação diferente, praticamente “encalhados”.

Dificuldades

De certa maneira, parece que o bom resultado inicial obtido pela Kairós acabou por causar problemas, pois gerou demandas além da capacidade de seus sócios e da empresa. Na editora, por exemplo, apareceu muita gente querendo editar suas obras. “Eu lembro de uma reunião nossa que tinha pilhas de originais. Como que a gente vai ler isso tudo? Não só não tinha como ler como não tinha como dar expectativa, não tinha dinheiro”, diz Magali.

Além disso, as dificuldades econômicas também foram surgindo. “Durante um certo período dava até para viver, mas aos poucos já estava um pouco complicado, ou seja, seriam necessárias algumas mudanças”, recorda Moisés. As vendas da livraria e dos livros da editora, depois do êxito inicial, começaram a cair. “Ficou claro que o dinheiro estava ficando curto, que os livros que nós estávamos fazendo não estavam dando o retorno devido”, continua Moisés. Na livraria isso significou restringir as compras, selecionar mais. “Começamos a trabalhar num dia-a-dia de muito mais pressão”, completa ele.

Parece que tanto a livraria como a editora viveram problemas financeiros, ou seja, aparentemente não havia um setor da empresa que pesasse mais que o outro. Mas há divergências sobre isso. Para Magali, “a editora não conseguia ganhar dinheiro, foi sempre um negócio que no máximo empatava. Acho que a livraria, naquele momento, dava mais lucro que a editora”. Já Castilho diz que “a livraria também tinha muitos altos e baixos. E muitas vezes a editora também deu dinheiro. Tanto é que eu vivi da editora um ano e pouco, depois da separação da empresa. Não acho que a atividade editorial da Kairós foi economicamente ruim”, diz. E reforça esta idéia, afirmando que “os livros da Kairós sempre tiveram boa carreira, hoje seriam livros de boa carreira”.

No entanto, em relação a essa observação de Castilho, é preciso lembrar que, no período em que ele assumiu sozinho a editora, boa parte dos livros já estava feita e paga, com seus custos amortizados, restando apenas vendê-los.

Outro fator que também gerou dificuldades econômicas para a empresa foi o fato de, neste mesmo período em que ela surge, começarem a aparecer várias novas editoras e livrarias com perfil de esquerda, concorrentes da Kairós.

Tiros na porta

É interessante assinalar que durante o período de atuação da Kairós não houve qualquer tipo de censura aos livros editados por ela, seja antes, seja depois da edição. Mas isso não quer dizer que não houvesse outros tipos de pressão. Castilho Recorda:

Nós tínhamos boicotes, digamos assim, mais por temor dos distribuidores, das livrarias em expor os livros, do que alguma coisa que viesse diretamente do governo militar. A pressão que havia era sobre a livraria, para a qual certamente a linha editorial também contribuía. Mas nunca recebemos nenhuma ameaça do tipo, “parem de editar esses livros”. Mas recebemos muitos telefonemas de ameaça, principalmente naquele período em que ocorreram os atentados contra as bancas, o atentado na OAB. E houve o atentado contra a livraria.

O atentado

Dois anos depois da inauguração da Kairós, ocorreu um fato que marcou sua história. Na noite de 4 para 5 de abril de 1980 – durante os feriados da Semana Santa daquele ano, de sexta-feira para sábado –, três livrarias foram atacadas a tiros na cidade de São Paulo. No bairro do Butantã, a Livraria e Editora Livramento; no bairro de Pinheiros, a livraria Capitu; e na avenida Paulista, a Kairós. Contra as três foram disparados tiros nas vitrines em que estava exposto um pôster de Che Guevara que era vendido com sucesso na época. A livraria Capitu foi a mais atingida, com 12 disparos e uma grande pedra que quebraram sua vitrine. A livraria Livramento foi atingida por um tiro que também estilhaçou a vitrine. E a Kairós foi atingida por dois tiros, que, por sorte, atingiram a grade que protegia a vitrine e a porta de madeira da loja, não danificando os vidros¹⁵.

A livraria Capitu já havia sofrido um atentado exatamente igual dois dias antes, que fora assumido pelo CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Em telefonema à livraria após esse primeiro atentado, uma voz masculina ameaçou: “Somos do CCC. Foi só um tiro. Se continuarem vendendo material subversivo, da próxima vez colocaremos

fogo nessa porcaria”¹⁶. Cumpriram a promessa, com o ataque às três livrarias dias depois.

Na verdade, o país vivia um momento em que estava ocorrendo uma série de atentados. “Em quatro dias, de sábado, 29 de março, a terça-feira passada, sete atentados terroristas arranharam a autoridade do regime e espalharam escombros e desconforto entre Rio de Janeiro e Porto Alegre”, narrava a revista *Veja*. Nestes dias foram atacadas as sedes do jornal *Hora do Povo* e do grupo Convergência Socialista, no Rio, e o plenário da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre¹⁷. O jornal *Em Tempo* listou mais de 25 atentados realizados de junho de 1979 a abril de 1980¹⁸.

E, posteriormente, a partir do mês de julho daquele ano, começaria a onda de atentados a bomba contra bancas de jornal, com o intuito de intimidá-las e forçá-las a não vender mais os jornais da imprensa alternativa. A onda de atentados prosseguiu com a explosão de uma bomba de alto poder destrutivo na sede da Ordem dos Advogados do Brasil do Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1980, que causou a morte da funcionária Lyda Monteiro da Silva¹⁹.

As três livrarias atingidas pelas bombas divulgaram no dia 7 de abril uma “Carta aberta à população”, assinada por mais 24 livrarias e editoras, em que repudiavam “este ato de vandalismo praticado contra o direito de trabalharmos livremente sem qualquer cerceamento ideológico sobre o material que comercializamos”²⁰.

Saída da Organização

A questão política interferirá mais uma vez diretamente na Kairós em função do afastamento de seus membros da OSI/Libelu, que ocorre em momentos diferentes, inclusive com situações que colocaram em lados opostos e em posições delicadas dois dos sócios da empresa, Castilho e Moisés. Este último estava engajado em uma dissidência e acabou por ser expulso da Organização, decisão que teve a participação de José Castilho.

Esses afastamentos afetaram o clima na Kairós, mudando de certa forma a relação entre os sócios. A primeira a se afastar da OSI foi Magali, cerca de um ano depois do início das atividades da Kairós. “Ela foi a primeira a se afastar, foi para uma área mais zen, das artes, da sensibilidade, e eu e o Moisés cada vez mais metidos na política”, lembra Castilho. Pouco depois, será a vez de Moisés sair, mas neste caso expulso da OSI por divergências políticas. “Esse momento da expulsão [em 1979] foi a

única vez em que eu senti a política ferozmente. Não foi na repressão, foi na hora da minha expulsão da Organização. No final eu falei: chega de política”, recorda Moisés.

Castilho ainda continuou por mais tempo na Organização, até 1982, o que criava um clima relativamente tenso na empresa. “Isso acabou nos distanciando, esfriando um pouco as nossas relações”, diz Castilho. Para ele, esse fator também teve certa influência posteriormente, quando da divisão da empresa.

Para Magali, não foi apenas o fator estritamente político que motivou a sua saída da Organização, teve importância talvez até maior a questão comportamental e cultural:

A Libelu tinha toda uma fama de “porra-louca”, porque estava ligada ao rock, às drogas, às festas e era essa vertente trotskista que a gente queria, que era uma subversão mais na maneira de ser, cultural. ... A gente achava que o Trotski era uma revolução cultural – não sei se para o Castilho era a mesma coisa. Era essa a leitura que eu fazia do Trotski, pelo lado cultural. E eu acho que a Organização começa a não gostar muito de ligar o nome dela a essa vertente. Eles não poderiam mais aceitar “porra-louca” na história, e a gente passou a ser tachado dessa forma.

Também os dois membros do Conselho Editorial da Kairós indicados pela OSI, Francisco Foot Hardman e Victor Leonardi, deixam a Organização no final de 1979. “Era um momento em que a Organização estava muito sectária, muito fechada. Logo depois tem um grande ‘racha’, relacionado à discussão sobre o PT, aderir ou não ao PT”, diz Foot Hardman.

Dessa forma, pouco mais de um ano e meio após a criação da Kairós, quando todos os seus sócios e principais colaboradores estavam vinculados à OSI/Libelu, a situação praticamente se inverte, e apenas Castilho continua na Organização. Mas mesmo em seu caso isso não durou muito mais tempo, pois em 1982 ele também se afastou. É claro que com isso o elemento aglutinador que inicialmente foi o elo entre os sócios deixou de existir, e isso atingiu a empresa.

Divisão da empresa

A junção destes vários fatores, a saber, problemas econômicos e administrativos, desvinculação da organização, aumento da concorrência por parte de outras editoras e livrarias com perfil semelhante, levou a Kairós a seu limite. Ficava claro que a empresa não poderia mais continuar existindo da mesma forma como existira até então. É quando, em meados de 1980, se dá o rompimento da sociedade.

Neste ponto, as posições pessoais de cada sócio foram determinantes para os rumos seguidos. Castilho resume dessa forma sua opinião sobre isso:

Na verdade, acabou acontecendo um certo desgaste na relação entre os sócios do ponto de vista dos rumos a serem seguidos. Eu queria cada vez mais investir na editora, e principalmente a Magali achava que nós deveríamos investir mais na livraria. E o Moisés também já estava querendo sair. Enfim, a Magali resolveu comprar a parte do Moisés e ficar só com a livraria, e eu ficaria com a editora. E eu tinha 50% dessa sociedade. Foi mais por um desgaste entre nós mesmos e por divergências sobre como continuar. ... Então, acabamos chegando a um acordo amigável.

Já Moisés diz que a partir de certo momento passou a considerar que a Kairós deveria se direcionar mais para o lado cultural, mantendo a parte da política de forma quase secundária. Isso acontece concomitantemente à sua saída da Organização. Para ele, com a consolidação da abertura política, entrava-se em um novo ciclo, em que não cabia mais uma editora eminentemente trotskista como a Kairós. Ao lado disso, havia também razões pessoais: Minha saída da empresa foi intempestiva. Minha vida estava um caos, pessoalmente falando. Eu simplesmente saio, sem nada”.

Para Magali, é com a saída de Moisés que fica exposta a situação instável em que se encontrava a empresa, e ela e Castilho têm de repensar a forma como estava organizada a Kairós.

Tentamos manter a coisa unida o máximo que nós pudemos. ... O rompimento não é político. Houve uma coisa no plano pessoal, emocional, em nenhum momento eu me senti contra o Castilho ou contra o Moisés. O que a gente percebeu é que havia uma grande desestruturação emocional, pelo aspecto político que não deu certo ... Houve uma grande desorganização.

Apesar de reconhecer que a partir de certo momento ela e Moisés iniciaram uma espécie de cabo-de-guerra com Castilho, os dois querendo puxar a livraria e a editora mais para o lado cultural e Castilho querendo acentuar o lado político, Magali não acha que este tenha sido um fator determinante para a divisão da empresa.

Mas para Castilho essa divergência sobre a linha política e editorial teve peso decisivo:

Do meu lado “pegou” um pouco porque tanto a Magali como o Moisés começaram a querer influenciar mais na linha editorial, no que editar, na condução dos negócios da editora. E eu achava que a editora era uma coisa muito mais minha. ... Então, acho que isso acabou abalando um pouco o nosso relacionamento, provocou até o desmembramento da sociedade.

Em relação às questões empresariais, os sócios também apresentam visões distintas. Magali tem uma visão bem particular sobre isso:

Não é que a Kairós não estivesse dando certo. Estávamos sempre com dívidas, mas não foi este o elemento da separação. O dinheiro era contado, tinha meses em que atrasávamos as faturas, mas a coisa ia. O pró-labore dos três era muito baixo. Como eu tinha filho, acabava tendo um pró-labore maior, eles compreendiam essa situação. A gente não tinha esse negócio comercial no sentido dos sócios que ficam um vigiando o outro. Até o fim, inclusive na separação, tudo que fizemos foi extremamente amigável. ... Não acho que a causa da separação tenha sido uma questão de relacionamento, acho que foi o momento histórico mesmo. Nós não nos víamos como empresários, nos víamos como militantes, mesmo que não estivéssemos mais na Organização, mas nos víamos como militantes no sentido de que a gente achava que aquilo tinha que ser um espaço de abertura, de participação. Queríamos participar, transformar, ter um espaço que criasse uma nova mentalidade. O que eu tinha do trotskismo – hoje vejo que era uma grande fantasia – era aquele lado ligado à arte, o pessoal ligado aos muralistas mexicanos, ao surrealismo, no meu caso e do Moisés. Era isso que a gente queria ver, uma nova sociedade em termos culturais. E de repente eu acho que os próprios livros do Trotski naquele momento ficaram ultrapassados, era época de um Lacan, da poesia ... aquela leitura, aquele centralismo político, isso ficou ultrapassado. De uma certa maneira, pessoalmente os três percebiam isso. O Castilho levou a bandeira do trotskismo mais adiante, mas logo depois vai romper também. A gente percebia que aqueles livros já eram passado. O momento histórico em que estávamos se abriu com outra força.

Castilho analisa esse ponto a partir de um olhar mais centrado nas questões pessoais relacionadas aos sócios da empresa:

A sociedade terminou mais por problemas de desgastes no relacionamento entre nós do que por outra coisa. Isso se explica por uma série de coisas. Primeiro, todos nós éramos muito neófitos. Tínhamos mais ou menos a mesma idade e nunca tínhamos tido negócio. A Magali talvez tivesse alguma coisa antes, mas era tudo muito incipiente. Então você imagina, pessoas jovens, com energia, com interesses cada vez mais diferentes ... Isso foi desgastando, desgastando... Foi uma série de pequenos desgastes. A separação é amigável. Na época, nós chegamos a um acordo justo. Não foi um rompimento de sociedade de pessoas já formadas. Eu e a Magali tínhamos pouco mais de 25 anos, e o Moisés menos. Era uma época muito especial, você tinha que ter e aceitar um certo risco juvenil.

A partir desse momento, a livraria e a editora se separam, passam a ser empresas diferentes²¹¹ – que depois voltarão a ser reunidas, mas esta etapa já representa outro momento da Kairós, em que o projeto original não existe mais. Magali fica com a livraria, e Castilho com a editora. Moisés vai trabalhar na editora da família, a Max

Limonad, onde publica uma linha de livros de literatura e ensaios que teve grande reconhecimento intelectual (em 1982 ganhou o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro), mas pouco êxito econômico.

Balanco da atuação da Kairós

Aqui, considero fundamental ouvir como os protagonistas da história da Kairós avaliam esta experiência e os resultados obtidos. Tratando-se de uma microempresa, em que o papel de cada um dos membros é fundamental para a existência e o desenvolvimento do empreendimento, tais testemunhos explicitam aspectos organizacionais, econômicos, pessoais e até afetivos que me parecem importantes para sua análise.

Assim, vejamos o depoimento de Castilho:

Acho que o projeto inicial, que era de uma editora de intervenção política de esquerda e com um pé na cultura, atingiu satisfatoriamente os seus objetivos. Foi um projeto feito quase sem dinheiro, somente com o dinheiro de nós três, e sem experiência nenhuma de nossa parte. Então, pelo número de livros que nós fizemos, e a repercussão que aconteceu, acho que foi um projeto bem-sucedido. Principalmente com os primeiros livros foi uma coisa muito boa, mas que foi decrescendo. ... Mas, do ponto de vista do que fica de uma editora, que é a marca, ela tinha um valor de mercado, ela foi reconhecida pelo mercado. Então, culturalmente, é uma coisa que ficou. Acho que foi um momento oportuno ... apesar de ser uma coisa fugaz, marcou... Até hoje, depois de todos esses anos, muita gente ainda me identifica como editor da Kairós. E sabe por quê? Por causa do nome, que foi muito forte, das capas amarelas, do tipo de intervenção que foi feito, as coleções na área de esquerda e a intervenção cultural. Foi uma experiência fugaz, um projeto de três recém-saídos da adolescência que acabou criando uma marca, não é? Eu acho que valeu, foi uma experiência, para mim, fundamental. Foi onde eu aprendi a fazer livro, ser editor, ser livreiro.

Para Moisés, o empreendimento possibilitou-lhe conhecer pessoas interessantes, havendo uma sinergia entre elas e o projeto, sendo que livraria e editora foram um pólo de atração cultural mais do que política. Ele continua:

A minha avaliação é totalmente positiva, valeu cada centavo, cada hora investida. Não me arrependo nem do dinheiro nem do tempo que investi lá. Acho que os problemas que a firma enfrentou, tirando um pouco o peso da inexperiência e também dos erros mesmo, de não ter se adaptado, tem um pouco a ver também com o Brasil. Singelamente falando, não basta só você trabalhar, se dedicar, se dispor, ou suar a camisa, porque a torto e a direito você tem as tais crises econômicas, os altos e baixos, era um período conturbado economicamente: inflação, remarcação de preços...

Foot Hardman destaca os resultados da atuação da Kairós para a OSI:

Acho que do ponto de vista da OSI talvez tenha até excedido os objetivos. Do ponto de vista da visibilidade pública que a Organização buscava, num momento de semiclandestinidadade, sem dúvida a Kairós foi completamente exitosa. E do ponto de vista também da cultura brasileira, alguns livros tiveram boa repercussão, vários foram reeditados depois por outras editoras.

E Magali chama a atenção, mais uma vez, para o contexto da época e sua influência sobre a Kairós:

Eu acho que foi fantástico. Acabamos tendo um papel muito importante naquele momento histórico e político pelo qual o Brasil estava passando. Talvez maior do que tivéssemos pretensão. Saiu das nossas mãos e não soubemos o que fazer com aquilo. Viabilizamos muita coisa interessante, demos voz, nos integramos ao momento de abertura, que era maior do que a pretensão política que a editora tinha, tanto que eu acho que a editora se perdeu porque não percebeu o momento político que estava vivendo. Quando a abertura veio, ela veio com uma cara diferente do que nós imaginávamos, ela veio pelas minorias. Era o Gabeira que voltava, o movimento negro, os gays que tomavam a rua, as mulheres. Nós talvez imaginássemos a abertura como um negócio politizado, “sério”, fechado, e ela não veio assim.

O que poderia ter sido

Desses depoimentos de avaliação da experiência da Kairós, quero destacar também um aspecto que me chamou a atenção: o fato de haver por parte dos sócios a percepção de que a empresa poderia ter tomado outros rumos comerciais, mas que de certa maneira isso se contraporia ao projeto original, e por isso não houve determinação para implementar as medidas nessa direção. Castilho relaciona isso a divergências entre os sócios sobre os rumos a serem tomados:

Eu tinha convicção naquela época [da separação da empresa] de que, pelo patamar ao qual a editora tinha chegado, ela dava sinais de que poderia crescer e, para poder crescer, nós tínhamos que abrir o capital, chamar novos sócios etc., e essa era mais ou menos a minha idéia na época. E para isso a gente teria que sacrificar parte da livraria. E aí houve desentendimentos e um certo desgaste.

Moisés ressalta a inexperiências dos sócios como um fator importante:

É claro que olhando retrospectivamente eu faria muita coisa diferente, mas não me arrependo do que fiz. ... Hoje, acho que a Kairós até poderia ter continuado,

se houvesse um amadurecimento empresarial – por exemplo, hoje eu tenho claro que para ter um sócio você não precisa beijar ele todo dia –, se houvesse clareza de algumas mudanças que precisavam ser assumidas editorialmente ou mesmo na livraria.

E a questão das opções e de suas conseqüências para o projeto original da Kairós é lembrada por Magali:

Eu não acho que faltou visão empresarial, nós é que nos recusamos a ser empresários, é diferente. Chegamos inclusive a ter essa discussão, eu e o Castilho, quando estávamos quase separando. Para fazer esse negócio dar dinheiro nós temos que mudar. Nós queremos mudar? Ah, eu não quero mudar. Eu acho que nós como que nos recusamos, vamos até o fim, mas ficamos nessa. Foi uma opção. Nós não éramos comerciantes. A nossa pretensão ali não era de fazer negócio, sempre foi de ativista mesmo, era mais forte esse lado de ativista cultural, apesar de ter sido minha fonte de renda durante todo o tempo. ... Eu acho que a empresa daria certo se nós ficássemos felizes com aquilo, era muito mais por aí. Felizes no sentido total, de estar realizando uma proposta na qual acreditávamos, de estar participando politicamente. Então ela daria certo nesse sentido, e se nos sustentasse também. Eu não acho que ela não deu certo, acho que ela cumpriu um papel importante naquele momento histórico, acho que acabou no momento em que tinha que acabar. Agora, editorialmente, comercialmente falando, ela poderia ter ... mas ela ia se prolongar de uma maneira que nenhum dos três ia gostar, viraria uma firma. E isso, de certa forma, não era nosso objetivo, simplesmente tirar lucro dali. Nós éramos trotskistas!, éramos contra o capitalismo.

Pode-se perceber que a questão da recusa da empresa e do negócio como opção primordial dos sócios aparece claramente neste depoimento de Magali. Além disso, percebe-se também certo romantismo e idealismo juvenis, que marcaram a experiência da Kairós.

Conclusões

A Kairós teve duas características marcantes, a meu ver: a forte e decisiva influência política em sua criação e atuação, e a acentuada juventude e inexperiência empresarial de seus proprietários. São características que definirão a história da empresa.

Do ponto de vista gerencial, a empresa foi marcada pela gestão setorizada, ou seja, teoricamente seus três sócios tinham liberdade para atuar tanto no setor de livraria quanto no editorial, mas efetivamente houve uma divisão de tarefas que delegou a Castilho a responsabilidade pela editora, e a Magali e Moisés a responsabilidade pela

livraria. Magali, por sua vez, acumulava a gerência financeira da empresa em seu conjunto.

Dessa forma, se a gerência de cada área era setorizada, existindo o setor livraria e o setor editora, a gestão econômica era centralizada na pessoa de Magali, que era a administradora financeira da empresa. Mas não tinha poderes absolutos para decidir o uso dos recursos. O que parecia existir é uma certa confusão gerencial, em que a editora definia sua programação e os títulos a serem editados sem planejar o que isso representava de gastos, e Magali ia administrando receitas e despesas da Kairós conforme os livros iam sendo editados (e vendidos) e a livraria ia faturando com a venda de livros em geral.

Tudo isso se deve, a meu ver, ao fato de que, para os sócios, o principal indicador de resultados da Kairós era político e não econômico.

Junte-se a isso o fato de a empresa ter sido criada com pouco capital, isto é, apenas o capital de seus três sócios, uma vez que a OSI influenciava politicamente mas não destinou recursos para a Kairós. E este capital nunca foi aumentado de modo que pudesse expandir significativamente suas atividades. Tampouco a empresa gerou recursos que permitissem a ampliação do capital investido.

Além disso, o período de maior atividade da Kairós, os anos de 1979 a 1981, foram marcados por forte crise econômica no país, com aumento expressivo dos índices inflacionários, que desorganizavam a economia e dificultavam o planejamento econômico de empresas e cidadãos. Essa crise também atingiu o poder aquisitivo da classe média, tradicionalmente a maior consumidora de livros em nosso país.

O fator político foi também determinante, pois fica claro que foi ele que orientou as atividades da empresa, ou seja, a lógica política se sobrepôs desde o começo à lógica econômica e empresarial. Era quase um paradoxo: uma empresa trotskista. Todavia, como os depoimentos mostram, a empresa parece ter conseguido bons resultados em seus primeiros momentos. Mas talvez essa sensação venha muito mais de uma avaliação que considera que politicamente a Kairós estava dando certo, o que não quer dizer que economicamente também estivesse.

A participação da OSI na concepção da Kairós é muito importante. No primeiro momento, orienta a linha política da editora, inclusive com a designação de um de seus principais dirigentes, Victor Leonardi, para compor o conselho editorial. Posteriormente, a saída em momentos diferentes dos sócios da OSI também influenciará os rumos da empresa, contribuindo até mesmo para o rompimento da sociedade.

A juventude e a inexperiência empresarial dos sócios foram também marcantes. Foi um empreendimento caracterizado pelo esforço militante mais do que por qualquer plano empresarial. As suas debilidades como empreendedores foram sendo resolvidas – ou não – na prática, com uma visão de pessoas para quem o mais importante não era o lucro, mas sim o papel político-cultural que a Kairós poderia jogar naquele momento.

Como corolário de todas estas questões, temos o próprio momento político por que passava o país, de transição insegura para um período de maior abertura política, mas ainda com muitos resquícios do período fortemente repressivo de poucos anos antes. A própria Kairós foi personagem nesses eventos, ao sofrer um atentado cometido por grupos de direita que se opunham ao processo de abertura política. Ao mesmo tempo, novas possibilidades se abriam no campo político, cultural e comportamental, com o surgimento de novos sujeitos sociais e a ampliação da participação popular. A efervescência do momento afetou a Kairós, pois a linha editorial passou a viver uma tensão entre temas mais estritamente políticos e outros que então se apresentavam.

Com tudo isso, não resta dúvida de que a Kairós, neste caso a editora e a livraria, teve uma atuação marcante no curto período de quatro anos em que atuou de forma mais intensa. A livraria tornou-se um ponto de encontro e de referência da área cultural e de setores da esquerda, e não só da esquerda trotskista. Foi um pólo cultural e alternativo, em suas proporções e seus limites. A editora criou uma identidade muito rapidamente, principalmente com a coleção *Materialismo Histórico* (a das capas amarelas), publicando autores clássicos do pensamento socialista e abordando temas candentes do momento. Lançou também novos autores, como Haquira Osakabe, Celso Favaretto e Roberto Romano, e com o periódico *Arte em Revista* colaborou para recuperar parte significativa da memória artístico-cultural brasileira recente. A editora foi também, sempre de acordo com suas proporções, uma aglutinadora da intelectualidade jovem paulistana de esquerda e universitária naquele momento.

Analisando a experiência da Kairós como um todo, talvez seja um caso em que não se possa falar propriamente de incapacidade de lidar e de resolver os desafios empresariais, apesar de existir este componente, pela própria história pessoal de seus sócios. Parece mais adequado considerar que estes somente tinham como projeto pessoal a consolidação da empresa e sua continuidade se esta pudesse ser também um projeto político, e não apenas um projeto empresarial. Não fazia parte desses planos alterar substancialmente o projeto original, o que poderia implicar uma nova perspectiva ideológica e comercial (aceitar outros sócios, por exemplo). Pela sua juventude e imaturidade, fica a impressão de que em certo momento o projeto de vida de cada um

dos sócios se direcionou para outros horizontes, fazendo com que o interesse pela Kairós perdesse o vigor original. Com o tempo, o fator político que os unia, ou seja, a militância na OSI/Libelu, deixou de existir e cada um procurou novos rumos para si – rumos em que a Kairós já não era um elemento essencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Maria Paula. *A utopia fragmentada*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.
- _____. A luta democrática contra o regime militar, 1974-1985 (Estratégias de luta e resistência contra a ditadura). In: *1964-2004: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais para epa que para oba...* Brasília: Ed. UnB, 1991.
- CAPARELLI, Sérgio. Imprensa alternativa. In: *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.
- CHINEN, Rivaldo. *Jornalismo de guerrilha: A imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet*. São Paulo, Disal, 2004.
- FREITAS FILHO, A. *Anos 70. Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 1980.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991 (reeditado em 2003 pela Edusp).
- MAUÉS, F.; ABRAMO, Z. *Pela democracia, contra o arbítrio*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: Artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SALGADO, Gilberto Barbosa. *O imaginário em movimento: crescimento e expansão da indústria editorial no Brasil (1960-1994)*. Rio de Janeiro, 1994. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
- SILVA, Antonio Ozaí da. *História das tendências no Brasil*. São Paulo, edição do autor, 1985.

MAUÉS, Flamarion. The Timely Moment: Kairós, an opposition publisher. *História*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 115-146, 2006.

Abstract: In the wider scenario of the study of opposition publishers during the political outbreak in Brazil (1974-1985), this paper aims to outline the history of Kairós Livraria e Editora, which has been active between 1978 and 1983 in São Paulo. The interviews its owners gave me are the main source of this research. Since the available data indicate that this publisher fits in what I call *militant opposition publishing*, I introduce a few questions about the relations between the form of Kairós' organization and the results it has achieved, especially from an editorial and political standpoint.

Keywords: Editorial history, opposition publishers, books and politics.

Artigo recebido 8/2006. Aprovado em 11/2006.

NOTAS

¹ Este artigo é uma adaptação de um capítulo de minha dissertação de mestrado, intitulada *Editoras de oposição no período da abertura (1974-1985): Negócio e política*, defendida em fevereiro de 2006 no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

* Mestre em história pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É coordenador editorial da Editora Fundação Perseu Abramo. Endereço eletrônico: flamaues@terra.com.br ou flamaues@bol.com.br.

² Literatura aqui tem o sentido de “conjunto das obras científicas, filosóficas etc., sobre um determinado assunto, matéria ou questão; bibliografia”, conforme o Dicionário Houaiss.

³ Idéia semelhante já fora formulada por Gilberto Salgado em sua dissertação de mestrado. Salgado, 1994, p.18. Outra possibilidade nesse mesmo âmbito de atuação, adotada também por boa parte desses setores sociais, foi a participação por meio da imprensa, gerando o fenômeno que passou a ser conhecido como “imprensa nanica” ou “imprensa alternativa” (ver Kucinski, 1991; Braga, 1991; Caparelli, 1986; Chinen, 2004; Araujo, 2001).

⁴ Neste trabalho, abordarei a história da Kairós Livraria e Editora com ênfase para a editora. Do ponto de vista cronológico, o período estudado vai de abril de 1978 – quando é inaugurada a livraria – a julho de 1983, quando a editora – já separada da livraria – é vendida para outro proprietário, perdendo suas características originais, sejam políticas ou empresariais.

⁵ A Organização Socialista Internacionalista surgiu em novembro 1976 a partir da fusão de dois grupos trotskistas, a Organização Comunista 1º de Maio e a Organização Marxista Brasileira. Sua origem mais remota é o Partido Operário Revolucionário (Trotskista) – POR(T), de linha posadista. A Liberdade e Luta (Libelu) era uma tendência trotskista estudantil, cujos militantes faziam parte da OSI. Foi formada principalmente por estudantes da USP, e assumiu e defendeu as propostas políticas da OSI, de tal modo que a própria OSI passou a ser conhecida e identificada pelo nome de Libelu. Era uma das três tendências mais importantes do movimento estudantil na USP nos anos 1970, ao lado da Refazendo e da Caminhando. O jornal *O Trabalho*, publicado a partir de maio de 1978, era o órgão oficial da OSI/Libelu e em 1979 tinha tiragem quinzenal de 10 mil exemplares, dos quais vendia cerca de 5 mil. Gorender, 2003, p.132-3; Entrevista com José Castilho Marques Neto em 29 de março de 2005, em São Paulo; Silva, 1985, p.178 e 46; Azevedo, in Maués & Abramo, 2006, p.149-54; “Pequenos e ruidosos”. *Veja*, São Paulo: Editora Abril, n.567, 18 de julho de 1979.

⁶ Entrevista com Moisés Limonad em 22 de março de 2005. Todas as citações de Moisés Limonad são reproduzidas dessa entrevista.

⁷ Entrevista com José Castilho Marques Neto em 26 de julho de 2002. Todas as citações de José Castilho Marques Neto são reproduzidas dessa entrevista e de outra entrevista com ele, realizada em 29 de março de 2005.

⁸ Entrevista com Magali Gomes Nogueira em 31 de março de 2005. Todas as citações de Magali Gomes Nogueira são reproduzidas dessa entrevista.

⁹ Entrevista com Francisco Foot Hardman em 21 de março de 2005. Todas as citações de Francisco Foot Hardman são reproduzidas dessa entrevista.

¹⁰ Gorender menciona um caso desse tipo, o de Olavo Hansen, militante do Partido Operário Revolucionário (Trotskista) – POR(T). Estudante da Escola Politécnica da USP, “afastou-se dos estudos universitários por tarefa partidária e se empregou numa fábrica”. Gorender, 2003, p.132.

¹¹ *Release* de divulgação da inauguração da Kairós. Acervo de José Castilho Marques Neto.

¹² *Ibidem*.

¹³ Neste artigo, por questão de espaço, deixo de apresentar alguns itens de minha pesquisa, como os que tratam da “Organização e capital da empresa” e das “Questões comerciais e econômicas”, que constam em minha dissertação mencionada na nota 1.

¹⁴ De acordo com Castilho, somente estes dois títulos tiveram esta tiragem. Os demais títulos tiveram tiragens em geral de 3.000 exemplares, e, em alguns poucos casos, de 2.000.

¹⁵ “No fim de semana, tiros e pedras contra três livrarias da região”. *Gazeta de Pinheiros*, São Paulo, 11 de abril de 1980.

¹⁶ “Um tiro na livraria. E, pelo telefone, o aviso: foi o CCC”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 7 de abril de 1980.

¹⁷ “Dia de bombas”. *Veja*, São Paulo, n.605, 9 de abril de 1980; “Cinco atentados em poucos dias”. *Movimento*, São Paulo, n.249, 7 a 13 de abril de 1980, p.2; “Nova moda do terror: balas contra livrarias”. *IstoÉ*, São Paulo, p.20-1, 16 abril de 1980.

¹⁸ “Mais de 25 atentados do terror”. *Em Tempo*, São Paulo, n.104, p.24, 17 a 30 de abril de 1980.

¹⁹ *Brasil dia-a-dia*. Edição especial do Almanaque Abril. São Paulo: Editora Abril, p.160, 1990

²⁰ “Carta aberta à população”. Acervo de José Castilho Marques Neto.

²¹ A questão da separação e venda da empresa é detalhada em minha dissertação citada na nota 1.